

SISTEMAS PARA FACHADAS VENTILADAS: UM ESTUDO COMPARATIVO

Preâmbulo

O presente estudo foi elaborado no decurso do desenvolvimento do projeto de investigação ESAP/2015/P16/DARQ – *Projeto de sistema de fixação de revestimento para fachadas ventiladas*, financiado pela ESAP – Escola Superior Artística do Porto na sequência de um concurso com júri internacional.

Trata-se de um estudo comparativo de diversos sistemas de fachadas ventiladas existentes no mercado nacional e dirige-se aos estudantes dos cursos de arquitetura¹.

Pretende-se com este estudo, por um lado, dar a conhecer as vantagens da utilização de fachadas ventiladas nos edifícios, nomeadamente no que se refere à melhoria das condições de conforto, de comportamento higrotérmico e da respetiva sustentabilidade.

Por outro lado pretende-se que o presente estudo sirva igualmente como manual didático para os alunos. Por esse motivo expõem-se as características dos diversos sistemas, focando as especificidades de cada um. Não se pretendendo ser exaustivo na enumeração das soluções construtivas existentes, uma vez que para esse efeito nos remetemos para a base de dados desenvolvida para esse efeito, apresentam-se ainda as pormenorizações tipo mais correntes utilizadas para cada material.

1. Introdução

¹ O presente estudo foi elaborado, concretamente, para ser distribuído pelos alunos do 5º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura da Escola Superior Artística do Porto.

1.1 Fachadas ventiladas: Um breve enquadramento histórico/construtivo

As fachadas ventiladas têm vindo a conquistar o mercado da construção civil em Portugal, tendência que tem vindo a adquirir maior notoriedade nas duas últimas décadas. Trata-se, em parte, de uma evolução dos sistemas construtivos inicialmente utilizados para corrigir as pontes térmicas nos edifícios.

Com efeito, na Península Ibérica como noutras zonas do mundo, nas décadas de 70 e 80 do século passado, foram sendo ensaiadas em diversos edifícios soluções construtivas em que se procurava separar a parede exterior de alvenaria do restante edifício através da interposição de uma câmara-de-ar contínua.

Vicente Moreno, um reputado arquiteto e investigador Catalão, no seu livro *Fachada Ventilada* e no contexto da construção em tijolo-à-vista em Espanha, designou este tipo de fachada como uma “*fachada corrida*”².

A principal inovação das “*fachadas corridas*”, para utilizar a sua expressão, era o fato de possibilitarem a aplicação dos isolamento térmicos em toda a extensão da câmara-de-ar sem criar pontes térmicas, ao contrário da alvenaria dupla confinada pela estrutura do edifício.

O conjunto formado pelo isolamento térmico contínuo e o ar parado contido na câmara-de-ar permitiam assim melhorar consideravelmente o comportamento térmico dos edifícios.

No entanto, nos edifícios construídos com tijolo-à-vista, atendendo à porosidade dos próprios tijolos, das argamassas utilizadas nas respetivas juntas e ainda das condensações, o problema da ventilação e da drenagem da água da câmara-de-ar assumiu sempre uma particular importância.

Refere assim este autor, que:

*“Em climas mais quentes ou com maior nível de humidade ambiental, esta câmara pode contemplar aberturas inferiores e superiores suficientes para permitir a ventilação e, simultaneamente, uma boa drenagem. Temos então aquilo a que convencionámos chamar fachada ventilada”*³.

As “*fachadas corridas*” em alvenaria vieram a revelar, no entanto, comportar grandes riscos construtivos. Libertos da estrutura em betão, os paramentos exteriores das fachadas não apenas dilatavam livremente, como se encontravam ainda

² MORENO, Vicente Sarrablo, *Fachada Ventilada: Murais, Filtros, Envolventes Contínuas*, ed. Caleidoscópio, Casal de Cambra, 2008, p. 9.

³ Idem, idem, pp. 9 e 10.

